
OS MUNDOS DE JOVE: A HISTÓRIA DE VIDA DE UM CANTADOR

Ana Cristina Marinho Lúcio*

I - *"Historiando" a pesquisa.*

Depois de corajosamente atravessar o Rio Paraíba, a partir do porto de Cabedelo, numa embarcação cheia de gente, galinhas, caixas de bebida, bicicletas e outras coisas mais, chego a Forte Velho, localidade que tem esse nome deste o ano de 1586, quando os franceses ali construíram um pequeno reduto para defesa, logo depois ocupado pelos portugueses. Neste lugar acontecem as "brincadeiras" do coco, dança popular que se caracteriza pelos versos "tirados" de improviso, além daqueles cantos preservados pela tradição oral. A equipe do projeto integrado de pesquisa, coordenado pela Prof^a Dra Maria Ignez Novais Ayala, tenta estabelecer um quadro da "Situação atual dos cocos na Paraíba".

Precisava encontrar o cantador de coco, conhecido na região por Mestre Jove. Todos sabiam onde ele morava. E eu logo fiquei sabendo que voltaria ali mais vezes. O tempo naqueles lados parecia passar diferente. Longe do trapiche, só se viam as casinhas, algumas feitas de barro outras de alvenaria, algumas cobertas com telha outras com palha e um monte de mangueiras e coqueiros. A conversa com o cantador levou-me a pensar em que

* Bolsista de Aperfeiçoamento do CNPq na UFPB.

procedimentos utilizar para entrar no seu universo de experiência. Queria ouvir suas histórias, seus versos e ao mesmo tempo realizar um trabalho de análise, fruto da observação direta. Neste percurso encontrei uma literatura especializada no uso das "histórias de vida" na pesquisa histórica.

Os estudos que vêm sendo feitos, tendo como suporte de pesquisa a história de vida, estão mais concentrados nas áreas de psicologia social, sociologia e antropologia. Em psicologia social estuda-se o desenvolvimento da personalidade na sua relação com o meio social ou cultural. Em sociologia encontramos trabalhos sobre os aspectos subjetivos da cultura, organização social e estruturas. A maioria dos estudos caracteriza-se pelas semelhanças dos grupos pesquisados. São camponeses iletrados, jovens delinquentes, prostitutas, vagabundos, entre outros. O método, portanto, se aproxima mais daqueles grupos marginalizados na sociedade, seja por condição cultural, social ou étnica. As histórias de vida constituem-se num material muito rico para o estudo da subjetividade, tema bastante explorado não só pelos psicólogos e sociólogos mas também pelos historiadores nas últimas décadas.

Em antropologia o método é bastante utilizado nos estudos sobre comunidades ditas primitivas. Nestas comunidades o testemunho oral prevalece. Estabelece-se um elo mais forte entre o homem e a palavra. Daí a confiança depositada nos depoimentos orais, nas histórias de vida.

Entre os historiadores o método está bastante difundido na reconstrução da história de uma comunidade. Nestes estudos não interessam apenas os fatos mas também fenômenos culturais mais amplos, percebidos na vida cotidiana das comunidades, nas suas relações com o universo simbólico. O método permite entender as mudanças sociais a partir da perspectiva do indivíduo e na sua relação com o grupo do qual faz parte.

As leituras que fiz enquanto pensava no projeto de pesquisa apontavam para as dificuldades na utilização do método. São questões que envolvem a cientificidade ou não do método, as diferenças entre as histórias de vida e os depoimentos pessoais e entre estes e as biografias.

A história de vida é um tipo de informação captada oralmente, assim como as entrevistas, os depoimentos pessoais, biografias e autobiografias. Maria Isaura Pereira de Queiroz, no seu livro *Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva*, estabelece algumas distinções entre estas técnicas anteriormente mencionadas. Segundo a autora as diferenças entre as histórias de vida e os depoimentos pessoais surgem a partir das formas utilizadas pelo pesquisador durante o diálogo. Se ao pesquisador interessam apenas alguns fatos ou acontecimentos que venham esclarecer

aspectos do seu trabalho, os depoimentos pessoais são mais indicados. Nestes existe uma condução do pesquisador. Na história de vida quem decide o que vai falar é o narrador. Neste caso o pesquisador limita-se a ouvir o relato, não procura avivar a memória do informante, já que as “falhas de memória” também vão interessar à pesquisa. Estas diferenciações apontam para um importante aspecto da utilização do método: seu caráter de fonte complementar de pesquisa. Quando fala em falhas de memória a autora remete ao fato de que antes de procurar o informante o pesquisador já tinha em mãos outros tipos de documentos que contemplam determinados temas ou aspectos da questão em relevo. Este é um dos perigos nos estudos desta natureza: que as histórias de vida e os depoimentos pessoais sirvam apenas para confirmar teses e afirmações levantadas por outra documentação.

Estamos falando da história de vida enquanto mecanismo de captação do real. É neste sentido que vemos perigo em chegar no campo já com todas as respostas na cabeça, procurando apenas mais um meio de comprová-las. O material que resulta da utilização da técnica, este sim, pode ser utilizado para diferentes fins. O material reunido, tal como as histórias de vida dos cantadores de coco de uma determinada comunidade, resulta num conjunto de depoimentos pessoais que pode ser utilizado em diversas situações, dependendo do interesse de cada pesquisador. Embora seja de fundamental importância levar em consideração os contextos de produção de cada material.

Uma preocupação do nosso grupo de pesquisa é acrescentar aos registros sonoros e fotográficos os relatos do pesquisador sobre os contextos de produção. Como e porque foram escolhidos estes e não outros cantadores, as dificuldades na obtenção dos depoimentos, os locais de coleta do material, as situações externas que possam intervir no relato de determinado depoente etc. Neste estudo sobre a comunidade de Forte Velho é de fundamental importância observar as condições de vida da população e em especial da família do cantador, suas dificuldades de conseguir tempo disponível para conversar com os pesquisadores, já que os períodos de chuva interferem na vida cotidiana da comunidade, além do deslocamento das pessoas para as cidades vizinhas em busca de trabalho e terras para plantar, entre outros aspectos, que dificultam a manutenção de um contato sistemático com os cantadores e dançadores do coco.

Entre as dificuldades encontradas pelos pesquisadores na utilização de histórias de vida as mais mencionadas são as que envolvem a relação entrevistador/entrevistado e o subjetivismo dos dados que, em alguns casos,

dificultam a interpretação e leitura levando a um empobrecimento da análise.

Na relação pesquisador/pesquisado existe um impulso de aproximação e de distância ao mesmo tempo. Precisamos nos aproximar dos cantadores, estabelecer os primeiros contatos, visitá-los nas suas casas etc. Mas também é necessário que haja um distanciamento no momento da análise do material. Em Forte Velho enfrentamos um problema, que também já foi observado por outras pessoas do grupo que vêm desenvolvendo trabalhos sobre diferentes práticas culturais comunitárias. A nossa imagem de pesquisador está sempre associada à manifestação do coco. As primeiras conversas com o cantador Joventino resultaram em um material que não pode ser considerado sua história de vida. O cantador me contou sua vida “todinha” em vinte minutos. Depois disto passou logo a falar do coco, já que nas visitas anteriores o meu interesse eram as músicas e a dança. Como fazer para desconstruir essa primeira imagem feita não só pelo cantador mas por outros moradores da comunidade?

O que tento fazer agora é visitar mais vezes a comunidade, em épocas onde normalmente não acontecem os cocos. A situação de miséria da comunidade, o grau de exploração em que estão submetidos os moradores sensibiliza-nos para outros problemas que não os enfrentados apenas pelos cantadores e dançadores do coco. O Seu Jove, em uma das nossas conversas, mencionou o fato de que estava sem zabumba há oitos meses. Tinha o couro do bicho para trocar mas não tinha dinheiro para pagar os serviços de um senhor, que mora também em Forte Velho, e que sabe consertar o instrumento. O cantador, aos 76 anos, caminha cerca de duas horas para chegar ao sítio vizinho onde o proprietário permite que os moradores de Forte Velho plantem roçados de milho e feijão.

Retomando os problemas na utilização do método posso afirmar que corremos o mesmo risco de subjetivismo que qualquer outro pesquisador que utilize diferentes métodos. Hoje já é aceito em todas as áreas de conhecimento que os dados perfeitos não existem. Os físicos e químicos também trabalham com a subjetividade já que mesmo com dados comprovados por tais e tais teorias e métodos, prevalece o dado subjetivo da escolha. Estas discussões sobre a subjetividade das análises feitas a partir dos relatos orais precisam ser melhor delineadas. Nem tudo é subjetivo. Existe um dado concreto que faz com que utilizemos determinadas fontes. Além do que, já que estamos falando em relatos de vida, o narrador só conta experiências socializáveis. Experiências que foram se construindo, remodelando e sendo recriadas pela comunidade, por um determinado grupo

de indivíduos que se coloca em um lugar específico, em relação ao restante da sociedade.

Existe também uma preocupação entre os pesquisadores, na apresentação do material. Alguns alertam para os riscos de transformar os textos em romance ou transformar os dados reais em possibilidades de fantasia. Talvez pelo fato de estar pesquisando na área de literatura popular este tipo de preocupação me pareça um pouco exagerada. Devemos nos preocupar com a fantasia se associada ao falso, à construção de uma visão imaginária. Mas com relação ao texto que resultará desta pesquisa por que transformá-lo em algo seco, sem cheiro de mar ou som de zabumba?

A utilização de histórias de vida nesta pesquisa me permite descobrir interessantes aspectos da manifestação que através de entrevistas ou depoimentos pessoais não encontraria. Cada nova conversa leva-me a pensar em diferentes possibilidades de abordar a questão das práticas culturais comunitárias. Ainda bem que não estive em nenhum arquivo de folclorista procurando dados que pudessem me levar ao universo dos cantadores. Este universo não está nos livros sobre as origens do coco ou naqueles que procuram colocar os versos em camisas de força. Está na conversa ritmada do cantador, nas suas lembranças do tempo da sua meninice. Do tempo em que saía de casa escondido do pai para ouvir os coquistas na frente das casas. A noite inteira falando do mar, das usinas, do pescado e principalmente dos amores. A musicalidade do cantador está na sua narrativa. O ritmo da conversa é cadenciado pelos “lá vai, lá vai”, que marcam a passagem do tempo. Ou pelas brincadeiras de menino. A brincadeira do limão na voz grossa e pausada do Mestre Jove:

Chora Manué
num chora não
chora praquê
num vê o limão
Ele foi ele veio
por aqui não passou
no meio do caminho
a princesa tomou.

O material que está sendo produzido é uma mistura de histórias de vida e depoimentos pessoais, se quisermos seguir a orientação dada pelos estudos de Maria Isaura. Em alguns momentos a narrativa transforma-se em um diálogo já que o cantador também quer ouvir o pesquisador. Pede uma

confirmação sobre alguns aspectos, fala alguns assuntos que me interessam demais e acabo não me contendo e pedindo mais detalhes. Mas em nenhum momento estou colocando palavras na boca do entrevistado. A condução dos assuntos é sempre do narrador.

II - *Viajando pelos mundos de Jove.*

O que vamos abordar agora é resultado das conversas com o coquista Joventino e de algumas observações feitas durante as visitas à comunidade.

As conversas com o cantador me permitem entrar no universo de experiência dos moradores da comunidade. A necessidade quase compulsiva de correr aos arquivos ou a outros estudos sobre a atividade pesqueira na região, sobre a cultura da cana de açúcar com todos os problemas que esta trouxe para a vida dos sítiantes, quase me levou a deixar de lado a memória viva do cantador. Procurar nos livros a verdade sobre o declínio da atividade pesqueira na região já que a explicação para este fato, nas palavras do cantador me parecia insatisfatória. Este vício de historiador em busca da verdade, verdade esta que estaria na versão oficial da história, pode parecer já ultrapassado nos estudos desenvolvidos nos últimos tempos pelos historiadores da cultura, nos estudos sobre a história das idéias, do imaginário. Mas na hora de sair do campo e escrever os nossos trabalhos estas questões sempre aparecem.

O que não quero é desperdiçar um material tão rico, colocando-o em moldes, em esquemas teóricos que acabam por tomar grande parte dos trabalhos. A fala dos informantes aparece em trechos de trabalhos como ilustração ou confirmação de parágrafos inteiros escritos com a voz de outros tantos estudiosos. Também não quero simplesmente deixar o cantador falar e desperdiçar a análise. Parece uma tarefa quase impossível de ser realizada. Até agora só coloquei o que não quero realizar.

No primeiro contato que fizemos com o cantador conversamos sobre o coco, sobre a situação dos moradores da comunidade e soubemos que haveria um coco na noite de São Pedro, em frente à casa do cantador, numa palhoça, de chão de terra, com algumas mesas, lugar de conversa dos moradores da Rua da Alegria. Queríamos conhecer mais o cantador, ouvir seus cocos e ver a dança dos moradores daquele lugar. Sabíamos que lá se dançava o coco diferente, uma dança de pares dentro de uma roda, que o cantador chamava de "coco da roxa". Já estava tudo marcado e naquela

conversinha de despedida o cantador revela que já havia andado pelo mundo todo. Já imaginaram um coquista que viajou o mundo todo e no fim da vida foi morar numa comunidade de pescadores, contar histórias ao lado da pequena Igreja, e tirar uns cocos nas noites de festa?

Podíamos através do seu depoimento conhecer mais sobre as influências de outros ritmos e sons nas melodias dos cocos, sobre as suas experiências em outros países e um monte de coisas que logo nos interessamos em saber quando encontramos pessoas conhecedoras de outros países e culturas. Forte Velho fica a meia hora de barco do porto de Cabedelo. Tempos atrás, como nos informou o cantador em conversas posteriores, “havia um navio com o nome navio gaiola”. Nesse navio embarcou o pai do cantador em direção ao Sul do país, deixando os filhos desamparados. Mas qual não foi a nossa surpresa quando seu Joventino começou a descrever a sua volta ao mundo:

(...) o pessoal é quem diz que eu morei em Forte Velho. Depois de Forte Velho [INCOMP.] moramo ali Gargaú. Escute bem Gargaú. Depois de Gargaú, do que eu me lembro, fumo prá Jacaraúna. Esses lugares hoje em dia tudo mudaram de nome já. Jacaraúna. Depois Jacaraúna fumo prá Rio Tinto. Morei em Rio Tinto seis anos e seis meses. [INCOMP.] (...) Tudo andando com meu pai né? Meu pai num fazia casa num canto assim, num deixava criar teia de aranha. (...) Depois de Rio Tinto passemos prá onde meu Deus? Deixe me lembrar qual foi o canto... [INCOMP.] Depois saímos de lá viemos morar em Tapira. (...) Depois de Tapira viemos prum lugar que tinha, Sarapó. Agora tudo num terreno só. (...) Hoje em dia tá tudo acabado. Depois de Sarapó viemos morar aqui na Estiva. (...) hoje em dia tudo é cana, do Paulo Coutinho. Depois da Estiva (...) ali em Cravaçu. (...).¹

Estes foram os lugares por que passou em companhia do pai. Depois, “já homem feito”, morou sozinho de novo em Sarapó, na Estiva, em Tapira e Forte Velho, onde casou e está até hoje. O pai ainda andou, junto com a nova esposa, por Canabrava e Tambaú.

A primeira coisa que pensei em fazer foi procurar os nomes dos lugares mencionados pelo cantador, lugares de moradia e trabalho, e calcular as distâncias. A volta ao mundo do Joventino se resumiria em um percurso de algumas horas feito de carro, sem nos distanciarmos dos afluentes do rio Paraíba. Mas não foram horas de percurso feitas pelo cantador e sua família

que significaram sua volta ao mundo. Foram anos de sua infância e juventude.

Com exceção da cidade de Rio Tinto, os lugares mencionados pelo cantador fazem parte do estuário do Rio Paraíba, formado pelos rios Paraíba, Sanhauá, Paroeira, Mandacaru, Tiriri, Ribeira e da Guia. São pequenos sítios, que hoje já mudaram de nome e que provavelmente estão ocupados com cana de açúcar. Os nomes dos lugares vão sendo mencionados e realmente temos a impressão de estarmos andando em círculos. A volta ao mundo do Seu Jove ocupou toda a sua infância e parte da adolescência. Para um menino que ajudava ao pai no cuidado com os animais e na agricultura, este constante mudar de casa, de sítio, poderia parecer uma grande aventura. Uma viagem de dois em dois anos. Ou talvez em menos tempo ainda.

O mundo do cantador identifica-se com o mundo do trabalho. As crianças começam a trabalhar muito cedo. Ajudam a mãe nas tarefas de casa, vão pegar água nas cacimbas, dar comida às galinhas e outros animais criados nos quintais. Depois, já maiores, acompanham o pai na roça. Levam seu almoço, ajudam no pastoreio do gado dos proprietários e assim vão levando a vida. Nos locais próximos ao rio Paraíba, como é o caso de Forte Velho, pescam ostras e mariscos, siris e caranguejos. Este tipo de pesca de sobrevivência é geralmente realizado pelas mulheres e crianças. Aos homens está reservada a pesca de camarões e peixes maiores, destinados à venda.

Em uma pesquisa realizada com alunos trabalhadores, na sua maioria com o primeiro grau incompleto, sobre a percepção do espaço, verificou-se que a consciência espacial era construída no cotidiano, na luta pela sobrevivência, e não através de livros. Desta pesquisa resultaram algumas histórias de vida de alunos trabalhadores, publicadas e analisadas por Maria Spyer Resende, no livro *A geografia do aluno trabalhador: caminhos para uma prática de ensino*. A leitura das histórias de vida das mulheres e homens que trabalham na construção civil ou como porteiros, empregadas domésticas e comerciantes, nos mostra a noção de espaço presidida pelo trabalho: "(...) o saber é transmitido sobre o trabalho e através dele".² Este espaço tem um dono, neste mesmo espaço, seja ele urbano ou rural, estão reservados papéis distintos para os indivíduos.

A narrativa do cantador fala de um espaço vivido, descrito através da experiência. Segundo Maria Spyer, mesmo quando falam de cidades ou locais que não conhecem, os alunos-trabalhadores remetem à experiências e impressões relatadas por outros. Mas continuam sendo lugares que oferecem oportunidades de emprego, de melhoria social. Lembro do coco cantado por Seu Roque, morador de Cabedelo e conhecido do Seu Jove:

Mas eu pisei na rudia de uma cobra (rudia=rodilha)
 ela fez tanta manobra
 que ficou admirada
 Eu vou me embora para o Rio de Janeiro
 que lá se ganha dinheiro
 e eu aqui não tenho nada.³

Nas cidades o espaço é percebido como “lugar de existir”, associado ao lugar de moradia. A mobilidade da família do cantador é diferente daqueles que moram na cidades e trocam de local de moradia constantemente. Para estes as relações de vizinhança quase não existem. Poucos retornam aos lugares de morada para rever amigos e vizinhos. No zona rural, na vila de pescadores que estamos falando, as casas são construídas em poucos dias, com a ajuda de parentes e vizinhos. Até mesmo a relação com a terra, nestas comunidades, é mais flexível, menos condicionadora da vida dos indivíduos e do grupo social. A relação dos moradores com o mar desperta maior interesse. Do mar vem a comida, do mar vêm as estórias contadas e cantadas, do mar vem a possibilidade de conhecer outros lugares. Na narrativa do cantador não percebemos esse desejo de conhecer outros mundos. Diferente do pai, Seu Joventino não quis se aventurar mar a fora. São sólidas as suas relações com os moradores. Tem conhecidos em João Pessoa, Cabedelo, Livramento, Costinha e outras cidades vizinhas que aparecem nos meses de festa, junho e julho, e são sempre recebidos com muito milho, canjica, feijão verde. “É animado. Tiver...já tem a batata, já tem a macaxeira, já tem o milho e é uma festa rica o São João. Que leva e deixa. Agora pra quem planta, né? Pra quem plantou tudo isso existe”⁴. Talvez o fato de ser reconhecido como mestre no coco, o impedisse de abandonar o local onde nasceu e depois veio a constituir família. Este reconhecimento por parte dos moradores do local e de outras pessoas de fora é motivo de orgulho para toda a sua família.

Segundo Ecléa Bosi, no seu livro *Memória e sociedade: lembranças de velhos*: “O desenraizamento é uma condição desagregadora da memória: (...) Entre as famílias mais pobres a mobilidade extrema impede a sedimentação do passado, perde-se a crônica da família e do indivíduo em seu percurso errante.”⁵

No depoimento do cantador é possível constatar esta situação de perda da crônica familiar. O fato de pouco falar da infância pode estar relacionado com as mudanças de local de moradia. A narrativa corre rápida, como se o cantador quisesse fugir de um tempo marcado pelo sofrimento,

pelo trabalho e pelos castigos do pai. As lembranças que temos deste período são construídas a partir do relato de parentes e vizinhos. Como demorava pouco tempo em cada lugar estas relações não se solidificaram. Também com os pais não houve uma relação afetiva rica. A mãe morreu muito cedo. Foi criado pelas tias e logo depois pela madrastra. Da sua viagem pelo mundo guardou os nomes dos lugares, que hoje em dia já foram trocados por outros. Sobre as brincadeiras de menino fala como um observador. Lembra de quando saía de noite, já com dez anos de idade, para os cocos, e deixava um pilão dentro da rede para que o pai não percebesse a sua ausência.

Apesar deste processo de desenraizamento durante a infância, na fase adulta o cantador consegue se fixar em um local e nesse constrói sua história. Na sua mocidade foi construindo sua vida sozinho e depois junto com a mulher. Fixou-se em Forte Velho, lá criou amizades, lá conheceu outros cantadores e com eles passava as noites nos bailes e brincadeiras. Os moradores, com o apoio do antigo proprietário, promoviam festas religiosas e profanas que se transformavam em grandes acontecimentos, contados ainda hoje pelo cantador com riqueza de detalhes, a exemplo do carnaval e da festa de São Sebastião, padroeiro do local. Esta riqueza das relações sociais e comunitárias faz com que ainda hoje se conservem muitas das antigas tradições. Estamos falando dos moradores da rua da Alegria, que ainda não foram envolvidos pelas atividades ligadas ao turismo.

Hoje já notamos o desaparecimento gradativo desta vida comunitária. A morte do proprietário acarretou a divisão das terras entre os sete herdeiros. Destes apenas dois moram no local, ambos envolvidos em atividades voltadas para o turismo. Uma pousada e um bar já foram construídos e com eles vão chegando os turistas nas suas lanchas e veleiros. A atividade da pesca tem se voltado quase que exclusivamente para o camarão. Se pesca de dia e de noite, como fala Seu Joventino: "Hoje em dia (...) só negócio de camarão. (...) Só quer camarão. (...) Num quer procurar peixe não senhora. É armadilha demais. (...) Armadilha demais, noite e dia, o peixe se afasta. (...)".⁶ Falta o peixe para o consumo diário, falta a terra para plantar o feijão, o milho. As plantações de cana vão avançando sobre os sítios dos rendeiros. Estes são obrigados a percorrer longas distâncias para conseguir terras para plantar.

Aos novos proprietários não interessa mais manter os rendeiros, que pagam a renda da terra com o trabalho na coleta de frutos, mangas e cocos. Alguns, para desestimular a permanência dos sitiantes, proíbem a fixação de novos moradores, o plantio de bens de raiz, o desdobramento das famílias

em mais de uma residência, e até as manifestações sociais e a venda de bebidas alcoólicas. A palha dos coqueiros não pode ser retirada nem os frutos que ainda estejam nas mangueiras, que se espalham por toda a propriedade. Só os frutos que estiverem no chão podem ser consumidos pelos moradores.

Todas estas questões aqui levantadas foram surgindo nas visitas à comunidade e nas conversas com o cantador. O seu relato ainda não está completo. Vou voltar ainda algumas vezes para ouvir as estórias do Mestre Jove. A sua história de vida vai se constituindo aos poucos, assim como a minha análise. Agora posso confirmar uma das vantagens do método, ou seja, as histórias de vida realmente permitem uma reaproximação entre a observação e a reflexão.

Notas

1. Depoimento do Seu Joventino, gravado em 26 de março de 1995. Parte integrante do acervo da pesquisa "A situação atual dos cocos na Paraíba". João Pessoa - UFBP
2. RESENDE, Márcia Spyer. *A geografia do aluno trabalhador*: caminhos para uma prática de ensino. São Paulo: Edições Loyola, 1986. p. 134.
3. Coco gravado pelos integrantes da pesquisa "A situação atual dos cocos na Paraíba", em julho de 1995.
4. Depoimentos do Seu Joventino, gravado em 26 de março de 1995.
5. BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade*: lembranças de velhos. São Paulo: T. A. Queiroz/EDUSP, 1987. p. 362.
6. Depoimento do Seu Joventino, gravado em 26 de março de 1995.

Bibliografia

BASTIDE, Roger. Introdução a dois estudos sobre a técnica das histórias de vida. *Sociologia*, XV (1): 3-7, mar. 1953.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: T. A. Queiroz / EDUSP, 1987.

CAMARGO, Aspásia, HIPOLITO, Lúcia e LIMA, Valentina da Rocha. Histórias de vida na América Latina. *BIB*, Rio de Janeiro, 16: 5-24, 1983.

NOGUEIRA, Oracy. A "história de vida" como técnica de pesquisa. *Sociologia*, XIV (1): 3-16, mar. 1952.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. *Variações sobre a técnica de gravador noregistro da informação viva*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1981.

RESENDE, Márcia Spyer. *A geografia do aluno trabalhador: caminhos para uma prática de ensino*. São Paulo: Edições Loyola, 1986.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VON SIMSON, Olga de Moraes. (org.) *Experimentos com histórias de vida* (Itália Brasil). São Paulo: Vértice, 1988.